

A UTILIZAÇÃO DE TIPOS IDEAIS NA PESQUISA SOBRE O SAGRADO

Roberto Aguiar
Sociólogo

Este pequeno ensaio é um esforço para discutir a utilização da metodologia weberiana, dos tipos ideais, na pesquisa social sobre o sagrado. Mas, apesar de centrar-se em tema, essencialmente, metodológico, procurará abordá-lo sob o aspecto mais geral das relações entre os procedimentos metodológicos e os enfoques teóricos, dados pelo pesquisador em seus estudos da realidade social. Assim, neste ensaio, se tentará discutir a utilização de tipos ideais weberianos, em pesquisas sociais orientadas por quadros teóricos não, necessariamente, weberianos.

Em primeiro lugar, aqui se abordarão problemas diretamente atinentes aos próprios tipos ideais, enquanto recurso metodológico. Assim, a tão discutida questão do nominalismo weberiano será posta em dúvida, relativamente ao que o sociólogo alemão estatui como sendo os modos de existência dos tipos ideais. Por outro lado, ainda neste contexto, será discutido o problema da vinculação do uso de tipos ideais com a adoção de uma perspectiva sociológica compreensiva.

Em seguida, se analisará a utilização de dois tipos puros de Teodicéias — a Emissária e a da Exemplaridade — no estudo das religiões praticadas no Brasil. Neste contexto, será aventada a hipótese de que o uso de tipos ideais, tal como os concebeu Max Weber, não cria embaraços ao pesquisador que deseja dar, à sua pesquisa, um enfoque teórico diverso do weberiano. Ou seja, se sustentará que, no estudo antropológico do sagrado, aqueles dois tipos de

Teodicéias já mencionados, são elementos analíticos valiosos para a compreensão e explicação da realidade histórica das religiões, no Brasil.

Do ponto de vista mais geral, portanto, será abordado o problema da adequação dos tipos Emissários e Exemplarista de Teodicéia, às crenças e práticas do sagrado, no Brasil. Deste modo, como é evidente, estará implícita a discussão sobre a própria concepção do que seja sagrado. Eis o roteiro, deste estudo.

1. — O PROBLEMA DOS TIPOS IDEAIS

Em geral, ao se falar de tipos ideais, toma-se quase como absoluto o seu caráter de ser, exclusivamente, uma construção mental. Isto, sem dúvida, é um exagero. Weber, pelo menos como expressa em *Economia e Sociedade*, não concebeu o tipo ideal como exclusiva elaboração nominalista, e, por outro lado, as idéias, os conceitos e os tipos mentais não deixam de ser, também, em alguma quantidade, construções mentais. Ou, por outras palavras, nem os tipos ideais de Weber são tão nominais, nem os conceitos e categorias mentais ordinários deixam de ser nomes.

Com efeito, a idéia mais vulgarizada a respeito de tipos ideais, é a de que Weber os concebeu como sendo resultantes de uma operação racional que, por maximização de diferenças e minimização de semelhanças, ou, pelo inverso, maximização de semelhanças e minimização de diferenças — o processo é o mesmo — o pesquisador constrói um artefato mental de utilidade analítica. Na verdade, Weber defende a utilização de tipos ideais concebidos desta maneira. No entanto, ele também estabelece que, ao construir um tipo ideal, o pesquisador pode extrair, ou simplesmente colher da realidade, o próprio tipo puro.

Aliás, é preciso notar que, ao estipular as condições de uso dos tipos ideais, Max Weber sustenta a existência de uma dupla origem, para esse recurso metodológico. A primeira delas é a *existência de fato*: "em um caso historicamente dado, ou como promédio, numa massa de dados". Apenas o segundo modo de origem dos tipos ideais é que corresponderia à noção mais vulgarizada, desse recurso metodológico.

De fato, unicamente, quando o pesquisador estivesse elaborando o tipo puro por meio de procedimento racional, é que se poderia nele reconhecer a característica de construído, de construção racional. De outra forma, o tipo ideal, ou puro, seria colhido da e na realidade social, em primeira

instância. Deste modo, seu caráter de tipo puro não se apoiaria no fato de ser de natureza ideacional, mas sim de se constituir um *protótipo* real, do real, não sendo, por conseqüência, nem idéias puras nem puras idéias. O que não impede, ressalte-se, que possam ser utilizados de modo idealista, formal ou nominalístico. É possível, até, se encontrar no próprio Max Weber o uso de tipos ideais com tais vieses.

Com efeito, ao estabelecer que um tipo ideal pode ser encontrado "em um caso, historicamente, dado", Weber parece pretender atrelar a utilização de tipos ideais à adoção de sua *sociologia compreensiva*. Contudo, é necessário notar que, à época em que ele formulou esta concepção, as Ciências Humanas, em particular, e a Metodologia das Ciências, bem como a Filosofia, em geral, viviam, intensamente, as dificuldades de se construir uma ciência — especialmente a humana — que fosse, a um tempo, formalmente sistemática e profundamente imersa na realidade empírica. Ou seja, exigia-se por um lado a inversalidade das formas e, por outro, a singularidade do concreto. Fora deste contexto, não só se torna difícil compreender a Sociologia do *verstehen*, como uma série de outras elaborações similares, e contemporâneas, que atingiram outras áreas do saber. O *insight* dos neo-positivistas, a empatia dos neo-idealistas, a intuição dos bergsonianos e a compreensão dos weberianos, são, todas, maneiras encontradas por especialistas de vários campos, de escapar ao formalismo lógico que, de modo particular, se acercava das Ciências Humanas.

Estabelecer, pois, que um tipo ideal pode ser encontrado "em um caso, historicamente, dado" e, sem dúvida, fiar-se na empatia, ou na compreensão, como primeira instância do conhecimento. Ora, isto, inegavelmente, é um procedimento metodológico que, ao tempo que concede exagerada valia aos predicados do pesquisador, conduz também a uma postura nominalista. Mas, quem poderia negar que Benjamim Franklin, e não Calvino, é o protótipo do calvinista? . . .

Por outro lado, caso se pretenda diminuir a influência de viés do pesquisador, na utilização e, sobretudo, na elaboração de tipos ideais, através da concessão de um menor peso à *compreensão*, a formalização nominalista pode aparecer como a opção mais adequada ao método tipológico. Este parece ter sido o caminho, não apenas em Weber, mas no uso habitual dos tipos ideais, feitos por outros pesquisadores, sobretudo após a grande influência exercida por neopositivistas, na Metodologia das Ciências. Parecia lógico que, a fim de libertar o tipo ideal do subjetivismo, implícito na abordagem compreensiva, o pesquisador devesse, ao máximo possível, formalizá-lo, dando-lhe o caráter exclusivo de ser um *constructo*. Desta maneira, por conseqüên-

cia, se resguardaria os tipos puros dos desgastes intuicionistas, mas se permaneceria fiel à perspectiva geral do pensamento de Weber. E, por fim, de ambos os lados — quer dando ênfase à compreensão, quer se ressaltando a formalização nominalista — o tipo ideal resultaria um artefato mental que, por tendência probabilística, corresponderia à realidade.

2.— O PROBLEMA DA TIPOLOGIA DE TEODICÉIA

Em seu ensaio *A Psicologia Social das Religiões Mundiais*, Max Weber sustenta a existência de dois tipos diferentes de teodicéias: a da exemplaridade e a emissária. A primeira delas se caracterizaria por ser um código justificador, da fortuna e da privação, apoiado em rituais e outras práticas religiosas nas quais a contemplação desempenharia o papel fundamental. Na teodicéia emissária, a justificação do mundo, da fortuna e da privação far-se-ia, fundamentalmente, através de rituais e outras práticas religiosas, indutoras de ações nas quais o devoto se toma como emissário de um Deus escondido. A teodicéia da exemplaridade, pois, se constituiria de um conjunto de crenças e práticas religiosas que, num maior grau, induziria a uma rotineira e ritual observância dos padrões tidos como sagrados e que poderiam ser reconhecidos no comportamento essencialmente contemplativo dos líderes institucionais, das igrejas e dos cultos. Por seu lado, a teodicéia emissária concorreria, em maior grau, para que o devoto justificasse o mundo, justificando-se também a si por meio de ações transformadoras da situação atual, a fim de que, por seu intermédio, comissário da divindade abscondita que era, o mundo se beatificasse. Assim, o Budismo e o Induísmo poderiam ser tomados como modos exemplaristas de teodicéias, ao passo que o Judaísmo, o Cristianismo e o Islã, em suas grandes linhas, comporiam teodicéias emissárias.

Apenas para evitar mal-entendidos, vale a pena repetir, aqui, o trufo de que os tipos ideais não são a realidade mas, como qualquer outra produção conceptual da mente, eles são imagens intelectuais da realidade. Assim, ao se falar de tipos puros de teodicéias exemplarista ou emissária se está falando de modos pelos quais o estudioso conhece, classifica e explica a realidade. A questão, pois, não é a de se saber se os tipos ideais são nome ou se são a realidade, como os antigos e fervorosos adeptos do nominalismo e do realismo faziam. A questão reside, prioritariamente, em se saber se a imagem mental feita pelo estudioso corresponde ou não à realidade. A utilização de tipos ideais de teodicéias, no estudo do sagrado, pode portanto ser feita fora dos quadros epistemológicos, estritamente Weberiano, alheia tanto ao puritanismo do rito formal, quanto ao seu companheiro o liberalismo compreensivo.

Em estudo recente, sobre a mediunidade, procurei utilizar os dois tipos ideais de teodicéias — exemplarista e emissária — como instrumentos classificadores daquilo que, socialmente, era tomado como sagrado, a fim de estudar o ideal mediúnico como meio de conhecimento e explicação do universo. Dentro de um quadro teórico mannheimiano, portanto, foi utilizado o tipo ideal, procurando-se extrair os ranços da epistemologia weberiana que, por acaso, pudessem vir através de Mannheim. Tal como em muitos outros estudos, realizados por diversos estudiosos, a metodologia de Weber mostrou-se útil, mesmo não sendo respeitada, rigorosamente, a matriz teórica de onde ela emanou.

Com relação à realidade religiosa brasileira, creio ser de muita utilidade teórica a aplicação daqueles dois tipos ideais de teodicéias. Temos, no Brasil, não apenas grupos religiosos cujos traços principais seriam enquadrados num modo exemplarista de teodicéia — o kardecismo e a umbanda, por exemplo — e temos, também, grupos religiosos que, através do tempo modificaram, de modo mais ou menos acentuado, seus traços característicos de teodicéia. O catolicismo, por exemplo, que em um passado não muito longínquo, revelava-se, coletivamente, mais exemplarista que emissário, parece ter, nos últimos anos, invertido esses traços. Além disto, a concepção weberiana de que as crenças e ritos religiosos se estruturam em conjuntos sistematizados de justificação da fortuna e da privação — teodicéias — permite uma melhor compreensão do âmbito do sagrado nas sociedades, pois que leva o pesquisador a delimitar com mais precisão as fronteiras do racional e do irracional, do divisível e do indivisível, do calculável e do incalculável, na vida concreta das sociedades atuais.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Roberto. *O ideal mediúnico no Recife*; um estudo de sociologia do conhecimento. IJNPS, 1977. (Série monografias 12).
- . *Ação social, ideologia e utopia*. Recife, Jornal do Comércio, 4 ago. 1974.
- BENDIX, Reihard. *Max Weber*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1970.
- FREUND, Jullen. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro, Forense, 1970.
- GOLDMANN, Luclen. *Dialética e Ciências Humanas I*. Lisboa, Editorial Presença, 1972.
- . *Dialética e Ciências Humanas II*. Editorial Presença, 1973.
- HESSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento*. Coimbra, Armênio Amado Ed., 1973.
- KANT, Emmanuel. *Crítica da razão pura*. Rio de Janeiro, Brasil Ed., 1971.

MANNHEIM, Karl et alii. *Sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

————— *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro, 1968.

MANTINDALE, Dom. *La teoria sociológica*. Madrid, Agullar, 1968.

PARSONS, Falcot. *Presencia de Max Weber*. Buenos Aires, Ed. Nueva Vision, 1971.

SCHALLING, Kurt. *História das idéias sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1966.